

Resenha do livro **Armas, germes e aço**, de Jared Diamond.
Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2001 (2ª edição)
Guns, germs and steel, copyright 1997.
(também em DVD vídeo A evolução da Humanidade. National Geographic, 2005).

Os destinos das sociedades humanas e o porquê dos ritmos desiguais de desenvolvimento humano nos diferentes continentes e conseqüente desigualdade (Subtítulo).

Resenhado por Selene Herculano
UFF-PGSD

Ganhador do prêmio Pulitzer de 1998, JD é um biólogo, professor de fisiologia na Escola de Medicina da Universidade da Califórnia em Los Angeles, cujo hobby de observação de pássaros e de estudo da origem de idiomas o levou à Nova Guiné, onde Yali, um político nativo, lhe perguntou porque os brancos produziam tanto "carga" (produtos diversos) e nós, tão pouco? Historiadores já se propuseram responder a isso, tal como Arnold Toynbee. JD propõe uma resposta tão singela quanto original diante de uma ciência social contemporânea que privilegia focar aspectos mais abstratos de sistemas de poder e ideologias: o meio ambiente.

Partindo da premissa de que não há diferenças raciais nem de QI, JD aponta para as diferenças ambientais: locais abundantes em espécies diversas de fauna e flora selvagens e domesticáveis, possibilitaram comida de alto teor protéico, produção excedente e sua estocagem, e assim propiciaram a sedentarização, o crescimento e o adensamento populacional. Desenvolveu-se ali a produção de alimentos, o que não ocorreu com os povos coletores e caçadores que habitavam as florestas, onde pelas condições restritas de alimentação, seus habitantes não podiam ter excedente, estocar e conseqüentemente sedentarizar-se e aumentar sua população.

Segundo José Augusto Drummond, que também o resenhou¹, os locais desses "jardins do Éden" foram o Crescente Fértil, no sudoeste da Ásia; a MesoAmérica; Andes. Desde 8.500 a.C. com a descoberta da possibilidade de produção dos alimentos, o Crescente Fértil começou a produzir cestas, lâminas de ferra para colher grãos, tábuas de moer etc, que foi o início da civilização indo-européia. E quanto à escrita? Sumérios na Mesopotâmia (3000 aC), índios mexicanos (1300 aC), egípcios (3000 aC) e China (1300 aC). A escrita pode representar um som básico, uma sílaba ou uma palavra inteira. E evolui da representação de coisas para uma escrita fonética. Mas por que surge em determinado lugar? A resposta é para registrar a produção.

A fauna domesticada inoculou germes nos humanos que com eles conviviam, produzindo vacinas naturais contra suas próprias doenças. Ao se disseminarem

¹ Revista Ambiente e Sociedade ano II, nº 5, segundo semestre de 1999, pp 223 – 228..

na busca de novos territórios, levaram consigo seus germes, sem o saber, tal como o fez Cortés em 1519, levando a varíola para os aztecas, ou Pizarro em 1531, para os Incas e os dizimando. Por que os habitantes americanos não tinham germes? Por que não haviam domesticado em massa animais como os indo-europeus, à exceção do peru no México, da lhama/alpaca nos Andes, do pato do mato na América do sul tropical e do cachorro.

E as armas de fogo, por que foram os eurásianos que as inventaram e não os povos americanos ou africanos? Não foi uma questão de inventividade pessoal. Nunca houve O inventor, cada inventor famoso teve precursores e sucessores e viviam em uma época em que a sua própria sociedade estava em condições de usar seu produto. Mas por que a tecnologia se desenvolveu em ritmos tão diferentes nos vários continentes? JD não responde explicitamente, mas destaca as armas como vetor necessário para a exploração de novos territórios.

E por que foram os europeus a conquistar e colonizar e não o inverso, os africanos ou os americanos? Os grandes animais domesticáveis e as plantas estavam na Eurásia, este ponto da argumentação de JD já foi visto. A outra explicação que ele dá é pelas formas e disposição continentais, pelo eixo longitudinal da Eurásia, em suma, pelos acidentes biogeográficos que favoreceram os deslocamentos populacionais eurásianos. E, importante salientar, os deslocamentos aconteceram porque os solos de seus jardins de Edens foram usados à exaustão e esgotamento.

E hoje, no mundo moderno, o raciocínio geográfico teria se tornado irrelevante? Não, ele responde, com base na prolongada "incorporação dos povos das novas nações aos velhos centros de domínio" (p. 418) e por conta de diferenciais acumulados (eufemismos para colonização/imperialismo). JD menciona que há que se levar em conta os efeitos de indivíduos idiossincráticos, curingas no curso da história, embora também os tenha como irrelevantes para o propósito de sua teoria.

JD termina com uma apreciação das ciências e da dificuldade de estabelecer relações de causa e efeito.

Seu livro foi transformado em vídeo e divulgado com sucesso pelos países e suas TVs, mas não foi muito bem recebido pelo campo acadêmico das ciências humanas. Não por ser a incursão de um cientista da natureza (Biologia) no universo de reflexões das ciências da sociedade, mas pelo seu enfoque, considerado determinista, negligente em relação à história e sua dinâmica de poder. Discordo, o que ele mostrou foi uma história entrelaçada com elementos biogeográficos. E porque mostrou – nunca é demais repetir – que o deserto, o areal inóspito do oriente Médio, onde populações hoje sofrem a maldição do petróleo, havia sido o Crescente Fértil e o Éden esgotado e destruído.